

O Último Inimigo

PARTE I

ALEX BITTEN

2ª Edição



INTRÉPIDA

São Paulo
2020

O Último Inimigo

Parte I

de Alex Bitten

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Alexandre Bittencourt e Maura Santos

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

O Último Inimigo –

Parte I

– 1^a Edição

ISBN: 9781719055420

Bitten, Alex – São Paulo: 2018

1. Ficção 2. Romance Histórico

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Para meu filho, Heitor.

Base Aérea de Hornchurch – Inglaterra

10 de Setembro de 1940

A sala dos oficiais estava cheia, com aproximadamente vinte pilotos, divididos em pequenos grupos, jogando ou conversando sobre táticas de combate para enfrentar os alemães.

Todos aguardavam a comunicação do chefe de voo. Os pilotos acordavam sempre às quatro da manhã para que em uma hora pudessem fazer a revisão das aeronaves. Durante esse trabalho eram verificados oxigênio, quadrantes de tiro, motores e munição. Somente depois que tudo estava conferido ficavam de prontidão, aguardando o

inimigo, que sempre vinha no começo da manhã e só parava de surgir no final da tarde.

Naqueles dias aqueles pilotos participavam da maior batalha aérea da História: A Batalha da Inglaterra. Os alemães estavam bombardeando todo o Sul do país e até mesmo Londres estava sofrendo ataques. Todos os dias os céus se enchiam de aviões alemães de todos os tipos, de caças a bombardeiros leves e pesados. Hitler tinha colocado toda a Luftwaffe com um único propósito: aniquilar a força aérea inglesa, para que a operação Leão do Mar, a invasão da Inglaterra, pudesse ser realizada.

Mas a máquina de guerra aérea alemã comandada por Göering não contava com a resistência tenaz daqueles jovens pilotos, que estavam resistindo além do limite de suas forças, voando a todo o instante para defender o seu país de terrível destino.

O piloto John Miller olhou pela terceira vez para as suas cartas e observou com o canto dos olhos seus três amigos, deixando escapar um leve sorriso de seus lábios. Nunca tinha sorte com o pôquer, mas naquele dia ela finalmente parecia estar sorrindo e ele não iria desperdiçá-la. Conferiu as horas no velho relógio preso à parede, ele marcava 6:55 da manhã, e os pilotos tinham combinado jogar até as sete, a menos é claro, que fossem designados para voar.

Isso significava ter que enfrentar os boches mais uma vez.

Seu amigo David sorriu ao apanhar mais uma carta.

— Muito bem senhores, é como diz o ditado, azar no jogo, sorte no amor. — E colocou suas cartas na mesa.

— Do que está falando? — perguntou John.

O jovem David, que tinha vinte anos e o rosto cheio de sardas, se limitou apenas a sorrir.

— Venho informar a todos os que estão sentados nesta mesa, que vou noivar com Mary no final de semana.

— Está brincando?

— Não, Thomas, não estou. Falei com o pai dela ontem à tarde durante mais de três horas. Não foi fácil convencer o velho Wilson, mas finalmente ele concordou.

— E se ele não permitisse? — perguntou Thomas acendendo um cigarro.

— Droga! Eu não desistiria de casar com ela nem que tivesse que lutar contra toda a maldita Luftwaffe.

E colocou o corpo ligeiramente para frente e continuou.

– Ninguém, senhores, ninguém vai me impedir de tê-la em meus braços.

– O que você acha disso, John? – Perguntou Thomas.

O piloto olhou calmamente para seus amigos. Para ele, aquela notícia significava muito mais que o noivado de seu melhor amigo. Significava que apesar da guerra, a vida e os planos para um futuro continuavam em suas mentes.

– Fico muito contente, mas para mim não é surpresa nenhuma. Eu conheço esse cretino desde a infância e posso lhes garantir que quando mete uma coisa na cabeça, não desiste nunca. – E depois sorriu para ele – Mas é importante que continuemos nossas vidas apesar de guerra. Eu também pretendo casar com Helen, já fizemos planos para isso.

– Tem razão John, ele é tão teimoso quanto os boches. – disse Thomas.

– Isso mesmo. Eles acham que vão nos derrotar, mas estão muito enganados. Eu fico muito feliz por você e Mary. Meus parabéns. – respondeu Peter, que até então tinha apenas escutado a conversa.

– Isso pede uma comemoração!

– Thomas tem razão. Uma despedida de solteiro! – sugere Peter com um sorriso malicioso.

– Isso! Podemos todos ir à casa da Mama Stuart em nossa folga, para comemorarmos com chave de ouro.

– Acho que ele devia oficializar o noivado primeiro. – disse John. – O que você acha Thomas?

– Também concordo. Primeiro as obrigações formais e depois a festa de comemoração.

– Olhem só os puritanos. – Retrucou Peter – Estão envelhecendo rápido demais, rapazes.

– Ok. – Concordou David – Vou oficializar o noivado no final de semana e vamos fazer uma festa para comemorar. Afinal, a vida precisa continuar.

– Ele tem razão, afinal a guerra não vai durar para sempre.

A conversa prosseguiu alegre. Todos sabiam que aquele tipo de diálogo servia para quebrar a forte tensão que pairava sobre eles.

O que separava o Império Britânico da máquina de guerra alemã eram aqueles jovens pilotos da RAF, a força aérea inglesa.

O jogo prosseguiu até chegar a vez de John, e ele de fato possuía as melhores cartas. Ao ver o jogo de seus amigos colocados na mesa, não conteve sua satisfação:

– Sinto muito senhores, mas hoje é...

O chefe de voo abriu a porta violentamente e gritou:

– Esquadrilha 604! Decolagem imediata! Receberão as instruções em voo!

Todos os pilotos saíram correndo em direção à porta, menos John, que ficou olhando a excelente sequência que tinha nas mãos.

– Ei, esperem! Vamos pelo menos... Droga!

Jogou as cartas sobre a mesa e correu para o alojamento. Vestiu rapidamente o traje de voo e correu para seu avião.

Um oficial de solo ajudou-o a subir até a cabine.

– Derrube todos eles John!

– Ok, James, vou tentar!

Revisou os comandos da aeronave e deu partida. O motor tossiu uma fumaça negra pelos escapes e em seguida as hélices giraram a alta velocidade. Enquanto colocava o capacete de couro, olhou para seu amigo David, que estava em outro Spitfire. Levantou o polegar, desejando boa sorte. Em seguida fez breve continência para a equipe de solo e acelerou o avião em direção à pista. Os caças decolavam um a um e faziam giros em torno da base para que todos os aviões pudessem se agrupar em uma única formação. Ao todo, vinte Spitfires decolaram, montando quatro seções de cinco aviões, ordenados dessa forma: vermelho à frente, verde e azul respectivamente à direita e à esquerda; e a última, denominada amarela, seguia atrás e acima, para proteger a retaguarda. O tenente John ocupava a segunda posição da seção azul. Ligou o comunicador de seu avião e falou pela primeira vez.

– Atenção, líder azul, subir para 4.500 e rumar 110!

Os caças imediatamente obedeceram ao comando.

O plano de voo era subir a grande altitude assim que atingissem o curso, os aviões deveriam ficar com o sol pelas costas, dificultando a visão ao inimigo.

Enquanto realizavam a manobra, o controle da missão finalmente passou as ordens pelo rádio. Deviam interceptar grande formação inimiga que se aproximava pelo estreito de Calais em direção a Dover.

No alto, em pleno céu azul, naquela estreita cabine, o jovem piloto olhou para baixo e apreciou a paisagem esverdeada com tons de cinza

causados pela cerração da manhã que surgia no horizonte. “O dia vai ser muito bonito” — pensou.

Aquele era um dia raro para se voar. Normalmente o tempo era fechado por espessa neblina ou nuvens pesadas e escuras pareciam subir até o firmamento. Ao apreciar a paisagem, esqueceu por instantes dos horrores da guerra que estava participando e de sua missão, enfrentar os pilotos alemães todos os dias, desde o início da manhã até o anoitecer. Esta era a sua rotina e de seus amigos. Ouviu uma canção suave e baixinha pelo microfone, era *Night em Day*, e quem cantava era seu amigo David. Ele sempre fazia isso, e os pilotos gostavam de ouvir aquela música. Antes da guerra, ele estudara música em Liverpool. Pensou em todos os sonhos que tiveram que abandonar pela defesa da pátria, mas ele não se arrependera nunca. John estava estudando história porque gostava de saber como a humanidade tinha havia evoluído através dos tempos, mas desde a primeira vez que entrara em um avião, teve a certeza de seu destino. Ele adorava voar, adorava o combate, as borboletas no estômago sempre que avistava um avião inimigo. Ele já tinha participado de mais de uma dezena de missões, tinha abatido cinco aviões, o que já lhe permitira fazer uma solicitação para se tornar um ás. Receberia a Cruz de distinção em voo em quinze dias.

Ele apertou o manche com força e concluiu que ele, John Miller, tinha nascido para ser piloto de combate.

A esquadrilha voou meia hora na direção informada pelo 11º comando do grupo de caça, localizado em Uxbridge, a oeste de Londres. Eles eram responsáveis por vinte e cinco formações, cujo objetivo principal era defender o sul e o leste da Inglaterra. A precisão dessas informações era o fator-chave que tinha permitido aos ingleses interceptar com vantagem os alemães. As formações inimigas eram detectadas por um novo aparelho, denominado radar. Após a confirmação da presença, direção e altura do inimigo, o comando de caças, localizado em Uxbridge, traçava o melhor plano de interceptação.

O jovem piloto olhou para o horizonte. Tinha excelente visão. Distinguiu uma série de pontinhos no céu e contou mais de quarenta. Eram os alemães, que voavam como enxame de abelhas diretamente em sua direção, a aproximadamente seiscentos metros abaixo da sua esquadrilha. Eles estavam com o sol nas suas costas, e o inimigo teria

conhecimento de sua presença somente quando estivessem em cima deles.

Pelo rádio, ouviu algumas vozes em alemão e algumas risadas. Ele não compreendia o que diziam então concluiu que deviam estar contando piadas.

A comunicação entre as esquadrilhas inglesas estava em silêncio absoluto. A tensão aumentava e todos os seus sentidos estavam em alerta.

Quando a esquadrilha inglesa estava em cima da formação inimiga, ouviu-se a voz clara do comandante da esquadrilha:

– Mergulhar!

Os caças ingleses obedeceram à ordem e caíram em voo picado na direção do inimigo. Os alemães perceberam os aviões ingleses e desmancharam a formação, voando para todos os lados. O céu encheu de esteiras de fumaça e os gritos desesperados dos pilotos eram ouvidos pelo rádio. Havia caças monomotores BF-109, caças pesados de escolta BF-110 e bombardeiros Heinkel HE-111.

John colocou seu avião atrás de um caça alemão. Era um BF-109 de nariz amarelo. Ele realizou uma manobra e aguardou que o avião entrasse no colimador. O piloto alemão tentava de todas as formas escapar à perseguição, mas ele mantinha-se grudado a sua cauda e quando estava a cerca de trezentos metros, disparou uma rajada. Viu os projéteis atingirem o motor do avião e uma bola de fogo e pedaços de metal saltaram para todos os lados, obrigando-o a fazer uma guinada para a direita para evitar os destroços. Olhou para o lado e viu outro inimigo. Acelerou e conseguiu colocar-se atrás do avião. O alemão percebeu a manobra e tentou escapar, mas era tarde demais. Tentou ascender para a direita, mas perdeu potência com este movimento. John aproximou-se a toda velocidade, disparando todas as suas metralhadoras, arrancando uma das asas, e o avião começou a cair, rodopiando sobre si mesmo. Viu o piloto saltar e ficou aliviado. Finalmente se deu conta de que estavam lutando sobre o mar, porque viu dois esguichos na água. O primeiro, do avião abatido, o segundo, menor, era o piloto.

O paraquedas não abria.

John acelerou para subir novamente, tinha perdido a conta de quantos loopings e giros tinha dado em seu avião tentando escapar das investidas inimigas ou colocar um avião alemão em sua mira. O céu

estava cheio de esteiras brancas, causadas pela condensação dos gases quentes expelidos pelo motor. Várias asas com cruces negras passavam em todas as direções. Obuses atingiram um HE-111, que carregado de bombas, explodiu em uma nuvem de fogo amarela.

– Azul 3 falando! Estou sendo perseguido por dois boches! Não consigo me livrar deles!

John olhou para os lados à procura de quem lhe pedia socorro e viu à direita um Spitfire sendo perseguido por dois aviões. Fez uma manobra brusca que quase fez com que seus olhos saltassem de órbita. Tinha um motivo especial para socorrer aquele piloto.

– Azul 2 se aproximando. Agente firme!

Sempre em potência máxima, rumou na sua direção. Da posição em que estava, pôde ver a armadilha preparada pelos alemães para pegá-lo. Os dois caças alemães estavam encurralando seu amigo. Ele não entendia por que não disparavam. Até que um terceiro avião se aproximou por baixo, rápido e preciso, executando uma manobra muito bem planejada, disparando uma rajada certeira. O avião de seu amigo se desintegrou em chamas.

– Não!

Os destroços incendiados caíram sobre o Canal da Mancha.

John fechou os olhos por um breve momento, porque tinha perdido seu melhor amigo. “Maldita guerra!”. Pensou em todos os pilotos que tinha conhecido e que estavam mortos. Lembrou-se de David sorrindo para ele instantes atrás no jogo de pôquer.

Ele iria noivar no próximo final de semana.

O piloto voltou a realidade com seu avião sendo atingido diversas vezes. Deu uma guinada brusca para a direita, e viu um caça passar por ele disparando todos os seus canhões. Distinguiu um BF-109 de nariz amarelo passar zunindo por ele.

O motor de seu avião começou a falhar e naquele momento se deu conta de sua fadiga. Estava exausto e ensopado de suor. Tinha fortes dores nas costas e respirava com dificuldade. Parecia que tinha que mover uma tonelada para mover o manche. O BF-109 fez uma curva e rumou novamente em sua direção. O piloto, obviamente queria terminar o que havia começado.

John lutava contra os comandos para manter o avião em linha reta, mas os controles estavam pesados, e sua aeronave começava a perder altitude.

O piloto alemão sorriu ao ver que o Spitfire tinha sido seriamente atingido e deixava uma esteira de fumaça negra. Quando o avião preencheu a sua mira, disparou uma longa rajada e subiu rapidamente, para que a câmera instalada no avião pudesse registrar mais uma vitória.

– Horrído! – gritou pelo rádio para confirmar mais um avião abatido.

Em seguida, girou o aparelho para a direita e acelerou rumo ao combate que ainda prosseguia.

John sentiu o avião tremer novamente e sentiu um forte beliscão na perna direita. A cabine se encheu de fumaça. O avião começou a girar para todos os lados. Tinha perdido completamente o controle da aeronave.

“Tenho que sair daqui”.

O avião perdia altura rapidamente. Ele soltou a capota no instante que o chão da cabine se incendiou. Tentou soltar o cinto de segurança, mas não conseguiu. Sentia um calor sufocante, insuportável, partes do seu traje de voo estava pegando fogo. Suas mãos, completamente queimadas finalmente conseguiram soltar o cinto de segurança que o prendia ao acento e ele saltou para fora do avião quase sem sentidos.

Com muita dificuldade, conseguiu puxar o elo que abria o paraquedas. Sentiu que sua face direita estava bastante queimada e não conseguia abrir o olho. Levantou a cabeça e viu que o combate continuava, então voltou a cabeça para baixo e constatou que o mar se aproximava rapidamente. Seu macacão, da cintura para baixo estava bastante queimado e sentiu um cheiro de carne queimada que o deixou enjoado. Rezou para que o Mae West (*colete salva vidas*) estivesse em condições de mantê-lo na superfície. Quando faltavam cerca de quatro metros, tentou soltar o paraquedas, mas foi em vão. A água estava muito fria e refrescou o corpo bastante queimado. O colete trouxe-o rapidamente para a superfície, e a água salgada começou a arder seus ferimentos fazendo-o gemer de dor. Tentou livrar-se do paraquedas, mas a tarefa era impossível com as mãos naquele estado. Quase todo o seu corpo latejava de dor. Gritou por socorro e pela dor insuportável que sentia, mas estava muito longe da costa. Após alguns minutos na água, procurou se acalmar, apesar da dor lancinante que sentia. Estava vivo, embora bastante queimado. Em seu campo de visão ele viu um Bf-109 cair no mar, seguido de uma explosão.

O piloto não tinha conseguido saltar.

— Morra miserável! — gritou com toda a força e soltou uma gargalhada desesperada.

Ele podia manter-se flutuando por algumas horas, mas não para sempre, principalmente no estado em que se encontrava.

Olhou com dificuldade para cima. A nuvem de aviões, que se engalfinhava se afastava rapidamente de onde estava e passavam a sobrevoar a ilha.

Em poucos minutos ficou só, boiando ao sabor das ondas.

Levantou as duas mãos diante do olho esquerdo e constatou que elas tinham desaparecido, o que estava em sua frente eram duas garras enegrecidas, com pedaços de pele soltando em tiras. Sentiu o gosto de água salgada, tentou mover os lábios e percebeu que estavam inchados.

Por mais terrível que parecesse a sua situação, ele não se sentia desesperado, talvez as fortes dores que estava sentindo o deixassem meio inconsciente. O frio foi aumentando até que seus dentes começaram a ranger feito um cão raivoso.

Gritou para afastar a dor que estava sentindo, enquanto o tempo foi passando lentamente. Ele já não sabia distinguir o período de tempo em que estava a deriva. Olhou para o céu, agora completamente vazio. Uma gaivota, provavelmente por curiosidade, apareceu em seu campo de visão e começou a sobrevoá-lo.

John não sabia quanto tempo ela tinha ficado a observá-lo, até que, ao fechar os olhos e abri-los novamente, ela tinha desaparecido.

Não sentia mais o seu corpo da cintura para baixo, e um pensamento claro como um flash surgiu em sua mente.

Ele estava morrendo.

Ouviu um rugido de uma forte onda que se aproximava, mas sabia que estava longe da costa. O barulho da onda se aproximou e desapareceu de repente. Sentiu que estava sendo puxado pelo paraquedas, braços levantaram-no para dentro de um barco e voltou a ouvir o rugir da onda, agora bastante parecido com um motor a diesel.

Com muita facilidade, o paraquedas foi retirado.

— Meus Deus, Joe, é um dos nossos! — disse uma voz rouca.

Ouviu uma outra voz.

— Tem razão! Diabos, este parece ter saído do inferno!

John conseguiu abrir o olho que ainda enxergava e viu um homem idoso, careca, com a face bronzada e enrugada. Uma barba branca muito bem aparada cobria seu rosto.

– Está me ouvindo filho?

– Sim. – Balbuciu.

– Estamos procurando por você há mais de quatro horas. Hoje os boches fizeram o pior ataque desde que começou esta maldita guerra, e alguns pilotos não tiveram a mesma sorte. Nós vimos você cair, mas não conseguimos encontrá-lo. Já estávamos indo embora quando Sam viu seu paraquedas boiando.

Um outro rosto de um jovem com aproximadamente a sua idade surgiu em sua frente.

– Foi por puro milagre que o achamos.

– Por puro milagre ... – balbuciu.

O velho marinheiro analisou os ferimentos do jovem piloto. Não era preciso ser médico para saber que eram muito graves.

– Ele está muito mal. Me ajude, Sam, vamos levá-lo para dentro.

– Acha que vai sobreviver, Joe?

Ele balançou a cabeça negativamente.

– Isso é com o médico.

John foi levado pelos dois homens para o interior da lancha e colocado em uma pequena cama.

– Frio... muito frio ... – Pronunciou com dificuldade.

– Como se chama, filho?

– Miller, John Miller. Eu, eu me chamo John Miller.

O velho marinheiro colocou dois pesados cobertores sobre o piloto, enquanto outro trazia uma injeção.

– Tudo vai acabar bem John. Tudo vai acabar bem.

A última coisa que ele sentiu foi uma agulha hipodérmica cravar-se em seu braço.

Tubarão/Santa Catarina/Brasil

Dias atuais

O taxista olhou para o sinal de trânsito e torceu para que ele fechasse. Deixou escapar um leve sorriso quando parou o carro e com mais calma, olhou pelo retrovisor para analisar melhor seus dois passageiros.

Afinal de contas não eram todos os dias que dois alemães entravam em seu táxi.

O primeiro era jovem. Não tinha mais que vinte e cinco anos. Os cabelos eram curtos e escuros, os olhos eram pequenos, de cor castanho-escuro, e seus lábios eram finos, assim como os traços de sua face. Deveria ter aproximadamente um metro e oitenta e trajava um terno azul impecável. O outro já era um senhor de idade avançada, na faixa

de oitenta, oitenta e cinco anos. Também usava um terno azul, com diferença na gravata, que era preta, enquanto que a do jovem era verde-clara. Era um pouco mais baixo que o primeiro. Tinha a face enrugada pela idade, os cabelos grisalhos e bem aparados e os olhos eram azuis.

O sinal abriu, ele sinalizou e entrou pela direita, desviando do centro da cidade. Trezentos metros à frente, o carro parou em outra sinaleira.

– Desculpe a minha intromissão, mas por acaso vocês são parentes?

O jovem, sem tirar os olhos do posto de gasolina à esquerda, respondeu com sotaque bastante carregado.

– Sim, ele é meu avô.

– E vocês vieram da Alemanha direto para Tubarão?

A resposta veio simples e afirmativa.

– Sim.

O Taxista ficou pensativo. “Tubarão não é uma cidade grande. Situada no sul de Santa Catarina, possuía aproximadamente 110 mil habitantes. A atividade principal é o comércio varejista, mas havia algumas indústrias de destaque. Também não podia caracterizá-la como uma cidade turística, apesar de se localizar próximo de Laguna, cidade histórica e com belas praias. Uma das possibilidades que estavam em sua mente eram as águas termais existentes em Gravatal, outra cidade que não ficava distante mais de 20 quilômetros dali”. Ele balançou a cabeça e pensou consigo “Esta cidade deveria ser centro comercial para os turistas, como o Fritz e o Hans ai atrás. Talvez o idoso alemão tivesse vindo fazer um tratamento nas águas termais como tantos outros que procuram o local com bastante frequência”. Ele procurava imaginar qual era o real motivo da presença daqueles dois estrangeiros na cidade. Ajeitou o retrovisor e observou melhor o passageiro mais velho. Este, por sua vez, observava atentamente as pessoas que andavam nas calçadas, como se estivesse procurando um velho conhecido.

Desde que entrara no táxi, não havia dito nenhuma palavra. “Talvez, nem fale português” – pensou. Pegou o papel que tinha recebido deles e observou mais uma vez o endereço. Uma das coisas de que ele poderia vangloriar-se era que conhecia muitas pessoas na cidade. E as pessoas que residiam naquele endereço não fugiam à regra, pois se tratava de uma bela jovem e seu avô. Ele mesmo já tinha levado aquele senhor algumas vezes até sua residência. Era um homem

reservado, e educado e era natural do Rio Grande do Sul, só não lembrava a cidade.

Isso aumentava de certa forma o mistério.

Resolveu tentar quebrar o gelo novamente com os dois ocupantes do veículo.

– Em que cidade vocês moram na Alemanha?

Ele recebeu o olhar irritado do jovem pelo retrovisor.

– Berlim.

– E sempre moraram lá?

– Sim.

O taxista pensou um pouco. Se o velho sempre morara na Alemanha...

– Então, seu avô estava lá durante a Segunda Guerra?

O idoso alemão, que tinha naquele momento a cabeça levemente abaixada, levantou-a lentamente e fitou os olhos do taxista pelo retrovisor e naquele momento ele teve certeza de que, se ele não falava, pelo menos entendia o português muito bem. O taxista pôde ver um olhar forte, do tipo que nunca demonstra medo. Sem dizer uma única palavra, ou sequer alterar sua expressão facial, ele piscou os olhos lentamente e votou-se para os pedestres que passavam pelo veículo.

Ele não disse uma única palavra, mas aquele olhar havia dito tudo. “Que droga! Eu e minha grande boca.” – pensou.

Um clima tenso formou-se dentro do carro.

– Desculpem, senhores, eu não tive má intenção, é que, como todo taxista brasileiro, gostamos de conversar com os passageiros.

– Não há problema. – Respondeu o jovem, procurando aliviar o mal estar dentro do veículo.

– Desculpe o meu jeito, mas sabe como é, não é sempre que tenho passageiros estrangeiros.

O carro dobrou para a esquerda e seguiu em frente, parando diante de uma bifurcação e novamente, o taxista pegou a esquerda, passou por uma pequena praça, onde alguns jovens brincavam de skate. Era uma praça revestida de pequenos azulejos vermelhos, com belas árvores banhadas pelos raios de sol naquela bela manhã de início de primavera. O carro seguiu em frente, passando ao lado de uma grande construção. Em breve, um grande supermercado iria ser inaugurado na cidade. O carro começou a subir um morro, passou por alguns prédios, dois deles

completamente novos e parou bem em cima do morro. O taxista estacionou o veículo, desligou a chave, virou-se para trás e sorriu.

– Muito bem, senhores. Este é o endereço que vocês me deram.

O idoso alemão levantou a cabeça lentamente e olhou para a velha casa.

– Enfim a procura terminou. — disse em voz baixa.

– O que ele disse?

– Nada, — retrucou o jovem abrindo a porta — Ele não disse nada.

Ele olhou a casa, observou-a por alguns instantes e disse para o motorista.

– Qual o seu nome?

– João da Silva.

– Muito bem João, nós gostamos do senhor, e queríamos que ficasse a nossa disposição o resto do dia.

O taxista engoliu em seco e junto, quase foi o palito que tinha entre os dentes. Achava que tinha perdido os clientes, mas aconteceu justamente o contrário.

– Bom, senhores, só que ...

– Dinheiro não será problema. Não conhecemos a cidade e precisamos de alguém que a conheça. O objetivo é que nos aguarde para em seguida nos levar até um hotel.

O taxista fitou o jovem.

– Está bem. O que devo fazer?

– Deve esperar-nos aqui. Se a pessoa que estamos procurando estiver naquela casa, não posso precisar a hora que nossa visita vai terminar.

– Vou ficar aqui esperando vocês. Podem ficar tranquilos. E vou levá-los até um excelente hotel e...

– Certo, certo, mas agora gostaríamos apenas que nos aguarde aqui.

Voltou para o seu avô e perguntou em alemão.

– Tem certeza que quer entrar?

O velho fitou a casa. Era uma construção antiga, mas reformada recentemente, tinha sido pintada de branco, com as aberturas num tom cinza claro, os portões eram feitos de barras de ferro finas, pintadas de alaranjado e já estavam meio enferrujadas. Atrás do portão havia uma calçada bastante desgastada feita de cimento, levemente inclinada e

seguia por uns dez metros, de onde eles podiam ver os fundos da propriedade. Havia diversas árvores, todas frutíferas. Eram laranjeiras, goiabeiras, mamoeiros, ameixeiras e uma bela parreira de uva. As demais deveriam ser típicas do Brasil e eles não conseguiram distinguir.

Algumas laranjeiras estavam cobertas de flores e exalavam um perfume adocicado, os troncos das árvores tinham sido pintados de cal até a altura de um metro. Havia também alguns canteiros de flores dos mais variados tipos, formas e cores.

– Esperei muito tempo por isso. — diz o mais jovem.

– Está na hora de saber a verdade. — respondeu seu avô.

Os dois homens atravessaram a rua e se dirigiram para o portão. Nesse momento a porta lateral da casa se abriu e uma bela jovem passou por ela. Ao ver os dois homens parados ao portão, sorriu e caminhou em sua direção. Ele era muito bonita, de estatura média, corpo esguio, cabelos longos, olhos castanhos e face delicada.

– Bom dia. — disse mostrando um belo sorriso.

Os olhos dos jovens se encontraram por alguns instantes e ela tinha uma delicadeza no olhar que poderia fazer qualquer homem se apaixonar facilmente somente por fitá-los.

– Bom dia. — respondeu o mais jovem.

Ela sorriu e percebeu o sotaque.

– Os senhores desejam alguma coisa?

– Meu nome é Rudolf, Rudolf Weber. Este é meu avô, Gunter Weber. Estamos procurando o Sr. Fernando Assis Félix. Ele mora nesta casa?

A jovem ficou pensativa por alguns instantes, não conhecia aqueles homens, mas eles sabiam exatamente o nome de seu avô.

– Sim, é meu avô. Meu nome é Cláudia Félix e posso saber do que se trata?

– É um assunto particular. — afirmou secamente Gunter.

Ela ficou apreensiva, não esperava uma resposta seca como aquela, mas Rudolf sorriu e a tranquilizou.

– Nós apenas queremos conversar com ele.

Ela ficou intrigada e ao mesmo tempo preocupada. Quem seriam aqueles homens? Eles eram estrangeiros, não restava a menor dúvida, mas não pareciam americanos. O mais provável era que fossem europeus, mas o que eles queriam com o seu avô? Por um momento

pensou em responder que ele não estava, mas a afirmação feita pelo mais jovem seguida de certa curiosidade acabou por convencê-la.

– Está bem.

Ela abriu o portão.

– Ele está no pomar. Por favor, me acompanhem.

Os três seguiram pela calçada de cimento para a parte de trás da casa. Rudolf tentou tornar o clima mais agradável.

– É uma bela casa.

– Sim. Eu e meu avô gostamos muito dela. Fizemos algumas reformas depois que a compramos, mas ainda faltam algumas pequenas coisas que queremos fazer, mas com certeza está muito melhor do que quando a vimos pela primeira vez.

Pararam diante do belo pomar. Ela apontou para as árvores e falou com orgulho.

– Ele plantou e tratou de cada uma delas, e para ele, isto que estão vendo é um santuário.

Nos fundos do terreno, um senhor de idade avançada mexia vagarosamente a terra com uma enxada.

– Vovô! Estes homens querem falar com o senhor!

O homem virou-se lentamente. Deveria possuir mais de oitenta anos, trajava calça cinza e camisa de listras brancas e amarelas. Ele apoiou a enxada no tronco de uma árvore, largou a enxada e aproximou-se lentamente. Tinha a coluna ligeiramente curvada para frente. As grandes orelhas contrastavam com a calvície e a testa enrugada. Ao aproximar-se, retirou calmamente um lenço branco do bolso e enxugou a testa. Uma cicatriz descia da mesma e cortava sua face direita até próximo ao queixo.

– Bom dia, senhores, – disse sorrindo, – a que devo esta visita nesta manhã tão bonita?

O jovem alemão ia começar a falar quando o mais velho levantou a mão em sinal negativo. Desde que o avô de Cláudia foi se aproximando, ele ficou observando atenciosamente. Eles ficaram frente a frente.

– Eles querem conversar com o senhor.

O senhor Fernando franziu a testa. Estava curioso com a presença daqueles homens e não fazia a menor ideia de quem ou do quê eles estavam fazendo em sua casa.

Gunter Weber deu um passo à frente e disse com uma voz que mais pareceu um grunhido.

– Horrído.

Aquela única palavra dita por aquele homem idoso fez um calafrio percorrer o corpo de Fernando. O sotaque alemão, os olhos azuis faiscantes e aquela palavra fizeram seu coração disparar. Cláudia nunca havia ouvido aquela palavra, e ao observar a alteração na expressão de seu avô, concluiu que ele sabia do que se tratava. E mais: ele sabia quem eram aqueles homens, mas ela nunca tinha ouvido aquela palavra e não fazia a menor ideia do que significava.

– Mas afinal de contas, o que significa Horrído? – perguntou sem obter nenhuma resposta.

Cláudia nunca tinha visto seu avô naquele estado desde que fora morar com ele. Seus pais tinham falecido em um acidente quando tinha 2 anos. Desde então passara a viver com seus avós, mas jamais o tinha visto com aquela expressão. Aliás, nem de perto parecia seu avô. Sua face ficou dura como pedra, seus olhos ficaram semicerrados e suas mãos, que sempre estavam trêmulas ficaram firmes. Até mesmo os punhos se fecharam.

A presença daqueles dois homens, adicionada àquela palavra, tinha transformado completamente seu avô. Houve um instante de silêncio, enquanto os dois homens se observavam, até que Fernando, sem tirar os olhos de Gunter, voltou a falar:

– Não sei do que o senhor está falando.

Tentou falar com segurança, mas a voz trêmula o traiu.

– O motivo que me traz aqui... Faz mais de cinquenta anos. Meu nome é Weber. Gunter Weber. Talvez você não me conheça pessoalmente, mas com certeza já ouviu falar de mim.

Estava claro que pela sua expressão, que ele sabia exatamente quem era aquele homem. Mesmo assim, balançou a cabeça negativamente, procurando disfarçar a surpresa, como se não soubesse quem ele era.

– Sinto muito, senhor Weber, mas não o conheço e tampouco acredito poder ajudá-lo. Com certeza, trata-se de algum engano, pois acredito que o senhor confundiu o meu nome.

Mas em seu íntimo ele estava mentindo.

Um silêncio tenso tomou conta daquelas pessoas.

Cláudia, de todos os quatro, era a que menos entendia o que estava se passando.

Gunter Weber continuava em silêncio, analisando o velho Fernando. Era como se duelassem com os olhos. Finalmente quebrou o silêncio.

– Nós sabemos de tudo, senhor Félix. Sabemos de você, de Dávalos, de Navarro e de Marras.

O avô de Cláudia deu um passo para trás. A voz saiu com certa dificuldade.

– Eu volto a repetir, não sei do que está falando.

– Eu sei que vocês estiveram lá.

– Estiveram onde? – perguntou Cláudia, sem que ninguém lhe desse a menor atenção.

Fernando balançou a cabeça.

– Cláudia, queira acompanhar estes senhores até o portão. Sinto muito não poder ajudá-los. Acredito que estamos diante de um grande mal-entendido. Agora, se me dão licença, eu preciso resolver algumas questões particulares.

Virou as costas e ia entrando na casa, quando Gunter deu um passo em sua direção.

Cláudia parou diante da porta. Estava pasma, porque quanto mais eles falavam, menos ela compreendia. Afinal de contas, o que significava tudo aquilo? E o que seu avô havia feito no passado que a chegada daqueles homens o deixara tão transtornado? E os nomes que ele acabara de dizer...? Pelo menos um deles ela também conhecia. Era Dávalos, que também morava em Tubarão, era amigo de seu avô desde a juventude, e que apesar de não possuir nenhum parentesco, ela carinhosamente chamava de tio.

– Vovô, tem certeza que não conhece esses homens? Não conheço todos os nomes que ele disse, mas será que não está falando do tio Dávalos?

Ele parou junto à porta, ficou sem silêncio por alguns instantes, e sem voltar-se para eles, respondeu pela primeira algo que parecia fazer sentido com as argumentações do estrangeiro.

– Se você realmente é quem diz ser, rogo-lhe que respeite o meu desejo de não mencionar o passado. Ele deve ser sepultado para sempre.

E ia entrar na casa quando Gunter respondeu:

– Não posso sepultar algo que faz parte de mim. Todos os dias eu acordo com isso. E todas as noites eles vêm. Vejo seus rostos, as risadas,

os gritos de desespero. Nós estivemos lá, e fugir não irá resolver o que aconteceu.

Fez uma pausa.

– Eu ainda os ouço, Fernando ...

Seu corpo balançou de emoção e somente a ajuda de Rudolf, que o segurou pelo braço, evitou que caísse. Fez um sinal positivo com a cabeça.

– Estou melhor Rudolf, obrigado. Senhor Fernando, não podemos mudar o que aconteceu. Não posso simplesmente fingir que não estive lá. E você também não pode.

Fernando virou-se vagarosamente enquanto ele continuava a falar.

– Eu sei da Lei de Segredos Oficiais britânica e do DOE. Conversei com vários pilotos e pesquisei por vários países até encontrar vocês. Ele colocou as mãos trêmulas no bolso do paletó e retirou uma correntinha de prata, com um pingente em forma de dois corações sobrepostos.

Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver a joia. Cláudia estava assustada. Aquelas palavras, junto com aquele objeto tinham mudado completamente o homem de temperamento tranquilo que conhecia deste a infância. Não era seu avô que estava ali, sua expressão o tornara um outro homem. A face estava transtornada por aquela conversa que para ela não tinha o menor sentido, mas para ele trazia à tona um terrível segredo do passado.

– Acho que isso deve ficar com você.

Ergueu a mão direita, e a joia foi colocada na palma de sua mão. Ele analisou com cuidado. Olhou para os dois estrangeiros.

– Onde a encontraram?

– Quando você souber o que tenho para lhe dizer, vai entender o verdadeiro motivo de minha presença.

Fernando pensou em tudo o que estava para relembrar. Sua mente estava mais aguçada do que nunca. Passou as mãos nos olhos, para enxugar as lágrimas que a qualquer momento ameaçavam rolar pela sua face. Não iria chorar na frente daquelas pessoas.

– Esta não é uma história para conversarmos aqui fora. Vamos entrar.

Então, dirigiu-se para a porta da casa e entrou seguido pelos estrangeiros.

Cláudia concluiu que a chegada daqueles homens trouxera um grande segredo à tona, um segredo que ela desconhecia. Mas sobre o

que poderia ser? Ela já vivia com seu avô há bastante tempo e jamais tinha sequer imaginado que seu avô escondesse algo de seu passado.

Mas ela estava errada.

Passaram pela cozinha até chegarem a uma sala mobiliada com móveis antigos. Fernando abriu as janelas de madeira, que davam para o “paraíso”, que era como ele costumava chamar o seu pomar. Sem tirar os olhos das árvores, disse:

– Sentem-se, por favor.

Havia uma grande mesa, em estilo colonial, feita de uma madeira escura, com oito cadeiras. Também havia no canto da sala uma cristaleira feita de mogno. As suas portas eram de vidro, que permitiam observar uma grande variedade de copos, taças, pratos e diversos outros objetos. As paredes eram pintadas de um rosa claro, numa delas havia um quadro do senhor Fernando ainda jovem, posando em um belo terno preto.

Os alemães sentaram em uma das laterais da mesa, enquanto Cláudia sentou-se ao lado de seu avô.

Gunter quebrou o silêncio.

– Eu estou procurando vocês há mais de dez anos.

Fernando não disse nada, apenas esboçou um leve sorriso. Cláudia entretanto, ficou intrigada. Apesar de se expressar com dificuldade, com todo aquele sotaque carregado, estava claro que ele havia dito “vocês”. Ela com certeza não era. Então quem seriam os outros? Provavelmente os nomes citados para seu avô instantes atrás.

O mistério aumentava.

Seu avô voltou a falar.

– Eles disseram que nunca saberiam de nós, que nosso segredo estaria bem guardado e por isso assinamos um documento, a Lei de Segredos Oficiais.

– Isso é verdade. Eles apagaram todos os seus registros e nada indica a sua passagem pela Inglaterra.

Desta vez Cláudia interveio.

– Me desculpem senhores, eu posso lhes assegurar que meu avô jamais esteve na Inglaterra e ...

– Você é que pensa, minha jovem. Rudolf, por favor.

O jovem alemão colocou o corpo para frente, ajeitando-se melhor na cadeira, juntou as mãos e as colocou sobre a mesa. Estava de frente para a jovem, e a sua beleza, aliada a sua falta de conhecimento sobre

aquela história, ajudou ainda mais a lembrar dos fatos que tinha pesquisado.

— O nome completo de seu avô é Fernando Assis Félix, filho de Antônio Assis Félix e Maria Assis Félix. Nasceu em Porto Alegre, no dia 15 de maio de 1921. Teve dois irmãos e duas irmãs e todos, atualmente, residem em Brasília. Seus pais eram professores e ele estudou até os dez anos em sua cidade natal, quando mudou-se com os pais para o estado do Rio de Janeiro. Tinha, como sonho de infância, pilotar aviões, mas acabou ingressando na Universidade para cursar Engenharia Mecânica. Quando estava no 2º ano, em 1939, teve a oportunidade de realizar seu antigo sonho: ingressar em um treinamento de piloto de combate nos Estados Unidos.

— Senhor Rudolf, — disse Cláudia intervindo na história, — tudo o que disse é realmente verdade, exceto o final. Meu avô nunca foi um piloto. Ele se formou como Engenheiro no Colégio no Rio de Janeiro, e trabalhou na Companhia Siderúrgica Nacional até se aposentar e...

— Por favor Cláudia. — Interrompeu seu avô com delicadeza, colocando a mão direita sobre a sua — deixe-o continuar.

Ela ficou em silêncio. Não entendia por que seu avô insistia em ouvir o que aqueles dois homens estavam falando. Ela estava muito impressionada. Como era possível que aquelas pessoas, que ela nunca havia visto, conhecessem tanto o passado de seu avô? E que história era aquela de piloto de avião? Ele nunca havia falado nada a respeito. Nenhum comentário, nenhum documento ou fotografia.

Não havia nada.

Para ela, seu avô era um engenheiro mecânico aposentado, nada mais. Um homem tranquilo, que adorava cuidar de plantas.

De repente, sentiu um estalo em sua mente, como se seu corpo tivesse recebido um choque e fosse atirado de um precipício.

Seu avô poderia estar escondendo um grande segredo do seu passado. Um segredo guardado durante décadas.

Fernando virou-se lentamente para as pessoas que estavam sentadas na mesa. Olhou para o alemão idoso.

— Quando você me disse seu nome, eu quase não acreditei.

— E quem ele é? — perguntou Cláudia. Ela estava cada vez mais acreditando na possibilidade de seu avô possuir um grande segredo, que com a chegada daqueles homens, estava vindo à tona.

Sem tirar os olhos de Gunter, respondeu para sua neta.

– Este homem, Cláudia, que está sentado à sua frente foi um dos maiores ases alemães da Segunda Guerra Mundial.

Cláudia, que se sentia à beira de precipício, acabava de cair dentro dele. Mas que história absurda era aquela? Primeiro, seu avô é procurado por dois estrangeiros. Depois, um engenheiro pacato, aposentado, que vivia com ela desde sua infância e que jamais tinha sequer saído do Brasil, de uma hora para outra, passa a ser piloto de aviões, com treinamento nos Estados Unidos e sabe-se lá o que mais. E agora, para fechar com chave de ouro, um dos estrangeiros que o estava procurando era um piloto alemão da Segunda Guerra Mundial.

Eram muitas surpresas para uma única manhã.

– Ele foi o quê?

Seu avô ia falar, mas foi Gunter quem respondeu.

– Seu avô me reconheceu. Eu fui piloto do 7º Grupo do 25º Esquadrão de Caças da Luftwaffe.

A sala parecia girar. Aquele engenheiro mecânico que ela havia conhecido e admirado deste a infância, de repente havia se tornado um completo estranho.

– Mas vovô, eu não estou entendendo nada e ...

– Fique calma – disse apertando levemente sua mão – e não se preocupe.

Ela reconheceu o seu sorriso que conhecia tão bem e se acalmou. Desde a chegada daqueles dois homens, era a primeira vez que ela reconhecia sua fisionomia. Ele voltou-se para os dois estranhos e, por mais absurdo que toda aquela história pudesse parecer, aquele sorriso a tranquilizou.

Era seu avô novamente que estava falando com ela.

– Senhores, penso que não deveríamos trazer essa história de volta. Sinceramente...

– Eu preciso saber, Félix, – interrompeu Gunter – eu preciso saber o que realmente aconteceu.

Ele ouviu aquela frase atentamente e pensou *“Ele não tinha conhecimento de toda a história, mas sim parte dela.”*. Começou a sentir novamente lá no fundo aquela curiosidade que aumentou pouco a pouco até tornar-se uma enorme vontade de saber como e por que eles estavam ali.

– Existe mais um de nós morando aqui. – afirmou Fernando.

— Danilo Santos Dávalos. — disse Gunter sorrindo — Nós sabemos, mas preferimos falar com você primeiro.

Ele respirou fundo, lembranças guardadas há muito tempo em sua mente começaram a vir como flashes. Os olhos ficaram parados, a sua face ficou com uma impressão vazia como se sua mente estivesse sendo levada para uma outra época.

Um passado distante.

Primeiro, começaram a surgir sons em sua mente. Ruídos desconexos, como se estivesse sintonizando um canal antes das lembranças surgirem. Depois, sons de aviões a hélice, um barulho ao longe, quase imperceptível, que foi aumentando até ficar quase ensurdecedor. Depois, ao invés de um único, passou a ouvir vários motores de aviões. Começavam distantes e foram se aproximando, aumentando de intensidade até parecer que sobrevoavam a casa. A seguir, vieram os sons de conversa misturados com ruídos de estática, causados por transmissões de rádio.

Eram frases que ele pensava ter esquecido.

As palavras, que inicialmente pareciam sem sentido, formavam frases desconexas se não estivessem em um contexto tão peculiar, que ele sabia muito bem o que significava cada uma delas. A maioria das frases era em inglês.

— Hullo Red Leader! What's your situation? (*Líder vermelho! Qual sua situação?*)

— Hullo Blue one answering, my position is ten miles north of Remagen! (*Azul um respondendo, minha posição é dez milhas ao norte de Remagen!*)

— Look out, Fock Wulfs above! (*Olhe, Fock Wulfs acima!*)

— Hullo Red Leader. I do not see anything! (*Líder vermelho. Eu não estou vendo nada!*)

E um som de uma explosão.

— He is a flame! The bastard is aflame! (*Ele está em chamas! O bastardo está em chamas!*)

— Keep out! Keep out! (*Caia fora! Caia fora!*)

— Hullo Green Leader, he is your left! Repeat, he is your left! Oh God! (*Líder verde, ele está a sua esquerda! Repito, ele está a sua esquerda! Meu Deus!*)

– I’m wounded! Repeat, I’m wounded! (Estou ferido! Repito, estou ferido!)

E vozes pareciam discursos proferidos dentro de sua mente.

– Vocês foram a coragem na maior expressão que esta palavra poderá significar algum dia!

– Não vamos nos render em nenhum momento, em hipótese alguma! E lutaremos até o último homem!

De repente os sons se apagaram e como por um passe de mágica ele foi arrancado de uma espécie de transe e trazido novamente para aquela sala.

Os olhos estavam cheios de lágrimas.

– Vovô! Você está bem?

Cláudia estava muito preocupada porque ele estava emocionado como jamais tinha visto. Somente no enterro de sua esposa, há mais de dez anos ele demonstrara tamanha emoção, mas eram momentos completamente distintos.

Fernando sabia o que representava a presença dos alemães em sua casa. Eles traziam de volta um passado que ele prometera esquecer. Um passado que agora se apresentava como fantasmas em sua mente. Homens, frases, lugares, fatos que ele tinha há muito sepultado em sua vida e que agora surgiam mais vivos do que nunca.

Apertou firme a correntinha em suas mãos.

Ele olhou para Cláudia e sorriu. Um sorriso triste, como se estivesse pedindo desculpa por seus atos. De um homem alegre e sorridente, o que ela via agora era um homem amargurado, triste e melancólico. Jamais tinha presenciado uma mudança de comportamento em um espaço tão pequeno de tempo.

– Vovô! Você está bem? – repetiu.

– Sim, querida, não se preocupe. Eu estou bem. – E voltou-se para os alemães. – Vou avisar Danilo que vocês estão aqui. Assim com eu, ele também precisa participar desta... reunião.

– Também penso desta forma. – respondeu Gunter Weber.

Danilo voltou a abrir mais uma vez a maleta de pesca para conferir os objetos. Era um homem forte, alto, cabelos loiros, face redonda, com olhos miúdos que ficavam sempre entreabertos. No centro da face sobressaía um grande nariz. Colocou as mãos nas costas tentando aliviar a dor, elas já estavam incomodando há mais de uma semana. Retirou um pequeno vidro de remédios do bolso, abriu, colocou dois comprimidos na mão e os levou à boca. Fez uma careta assim que sentiu o gosto ruim, mas não deixaria que uma dor nas costas o impedisse de pescar. Trajava calça jeans desbotada, colete de pescador bastante surrado, repleto de bolsos e um boné.

Olhou mais uma vez para a mesa. Era um pequeno móvel de verniz bastante desgastado, que ficava em sua garagem. Em cima estavam dois caniços de fibra, dois excelentes molinetes, duas bolsas e uma maleta com diversos objetos para pesca.

Sempre conferia tudo o que levava para pescar e de uns tempos para cá, sempre acabava esquecendo alguma coisa. Mas jamais voltava para pegar. Isso nunca! Se voltasse, a pescaria seria ruim com toda a certeza. Era uma superstição entre os pescadores, mas para ele tratava-se de um dogma. Conferiu o equipamento mais uma vez e acabou concluindo em voz alta.

— Maldição, sei que vou acabar esquecendo alguma coisa! Acho que finalmente estou ficando velho.

Depois balançou a cabeça.

— Besteira! — disse para consigo mesmo, afastando pensamentos pessimistas sobre sua idade.

E soltou um largo sorriso.

Enquanto pudesse empunhar uma vara de pescar, jamais estaria velho.

Coçou seu protuberante nariz e olhou para o seu carro, um velho gol de cor branca, modelo 84, “motor chaleira” como diziam. O carro tinha a lataria completamente corroída de tantas vezes ter percorrido o litoral em busca dos melhores lugares para pesca. De tão desbotado, a cor mais parecia um cinza gelo, mas ele tinha orgulho daquele carro pois ele nunca o tinha deixado na mão, fato que o orgulhava muito.

Aquela região do Estado de Santa Catarina era muito propícia para pesca. Podiam-se pescar diversas variedades de peixes, como pampos, betaras, garoupas, robalos e diversas outras espécies. O que ele mais

adorava pescar era o robalo. Era uma espécie que adorava uma boa briga, assim como o próprio pescador.

– Muito bem meu velho. – disse esfregando as duas mãos. – Está preparado para mais uma pescaria?

Um telefone que ficava preso à parede tocou em tom bastante alto, porque Danilo tinha problemas de audição.

Dirigiu vagorosamente até ele, rezando para que não fosse uma notícia que o impedisse de pescar. Afinal de contas, um dia tão propício com aquele não podia ter outro destino senão uma bela pescaria.

– Alô? Bom dia, meu amigo! Não vai me dizer que finalmente resolveu pescar? Pois saiba que está na época de robalo. Domingo passado eu peguei uns vinte quilos. Quando é que você vai deixar de cuidar do jardim do Éden e vir comigo? Sabe o que eu penso? Eu penso que você quer se transformar em um duende nesta sua floresta. Ou, quem sabe, acha que Deus vai te contratar para cuidar das plantas do paraíso?

E soltou uma gargalhada.

De repente sua expressão mudou repentinamente. Seu sorriso desapareceu num passe de mágica. Os olhos ficaram paralisados.

– Você tem certeza? Pode me repetir? Quando chegaram? Quem? Gunter Weber! Claro que eu sei quem é! Você não está bebendo? Cláudia não te deu nenhum comprimido? Mas então o que diabos eles estão fazendo aí? Como assim, a correntinha? Que diabos de correntinha está falando?

Seus olhos se arregalaram, como se tivesse recebido uma notícia reveladora. Fez uma pausa no telefone. Ouvia atentamente o que o seu amigo dizia.

– Fez bem em me ligar. Eu sei que você sabe que isso diz respeito a mim também. Sim, eu estou indo aí e não diga nada a nosso respeito, porque eu quero saber que história é essa.

Colocou o telefone com dificuldade no gancho. Sua mão tremia muito. Estava aturdido com a notícia que o amigo havia comunicado pelo telefone. Tanto tempo havia passado sem que alguém tivesse descoberto um único detalhe sequer de toda a história. E agora, passados mais de cinquenta anos, um piloto veterano da Alemanha batia à porta de Fernando. E o mais incrível, ele possuía conhecimento de no mínimo parte da história. Mas o que podia significar essa visita tão inesperada?

Diversas possibilidades começaram a surgir em sua mente, mas não adiantava ficar remoendo possíveis alternativas, porque este nunca fora o seu estilo.

Ele olhou a sua volta, como se procurasse uma resposta para o que estava acontecendo. Mas o melhor que tinha a fazer era dirigir-se para a casa de seu amigo e descobrir do que se tratava tudo aquilo.

Olhou para o carro.

— É, meu velho, parece que vamos ter que adiar a nossa pescaria. Uma história que eu achava terminada parece que vai ter uma segunda parte.

Danilo sentou-se ao lado de Fernando e encarou por alguns instantes os dois alemães. Assim que entrou na sala, imediatamente criou-se um clima tenso entre os presentes. Cláudia tinha certeza de que se acendesse um fósforo, tudo ali iria incendiar. Conhecia o temperamento do tio Danilo, e pela sua expressão ele não achava nem um pouco bem-vinda a presença dos estrangeiros. Resolveu fazer alguma coisa para quebrar o silêncio que parecia sufocar todos ali presentes.

— Tudo bem tio Danilo, eles só querem conversar.

Ele franziu os lábios num leve sorriso. Adorava que ela o chamasse de tio, apesar de não possuírem nenhum parentesco. Tinha uma afeição por Cláudia que muitas vezes chegara a preocupar-se com ela como se ela fosse sua neta também.

Ela sorriu. Dirigiu-se então para Gunter.

— Bom, que tal um café? Pelo visto acho que irão conversar um pouco.

— Eu ficaria muito grato. — respondeu Rudolf educadamente.

Ela se levantou e dirigiu-se a cozinha.

Quem finalmente quebrou o silêncio foi Gunter.

— Não existiu um único piloto no 25º que não os admirasse. — disse calmamente.

Danilo ficou surpreso com aquela afirmação.

— Diabos, Fernando, ele parece realmente saber sobre nós...

— Você não viu nada. — e voltou-se para o piloto alemão. — Você sabe detalhes da vida dele também?

O alemão simplesmente sorriu.

– Rudolf, por favor.

O jovem respirou fundo, colocou as mãos sobre a mesa e começou a narrativa.

– Danilo Santos Dávalos. Filho de Gerivaldo Santos e Elizabete de Jesus Dávalos. Nasceu em Santos, no ano de 1920. Seu pai trabalhou como alfandegário no Porto daquela cidade. Em 1928, foi transferido para o Rio de Janeiro com toda a sua família. — Uma breve pausa para lembrar os fatos — Você possui mais dois irmãos, Carlos e Sandra. Dois anos depois, seu irmão viria a falecer, vítima de um acidente em uma embarcação. Você entrou para a Marinha a contragosto de seu pai e em 1930, reencontrou seu amigo de infância, Afonso Souto Navarro, que sempre considerou seu grande amigo. E foi por ele que ficou sabendo da existência de cinco vagas para a formação de uma unidade brasileira de pilotos de caça, já que o governo brasileiro estudava seriamente a possibilidade de criar uma força aérea.

Fez uma pausa e continuou.

– Os dois conseguiram vaga.

Danilo não acreditava no que acabara de ouvir. Aquele homem sabia todo o seu passado.

– Mas que grande merda é essa, Fernando! Eles sabem de tudo!

– Não, Danilo, — disse corrigindo o amigo — eles não sabem de tudo. Ele também relatou o meu passado, mas afirma que não conhece toda a história.

– Não sabe de tudo? Como assim. Pois eu acho que se eu perguntar a cor da minha cueca, ele é capaz de dizer, não é mesmo filho?

– Não, senhor Danilo. — respondeu Rudolf. — Não sabemos de tudo. Eu conheço alguns fragmentos do que aconteceu na Inglaterra e o lado alemão desta história. O que eu gostaria de saber dos senhores é da história completa, desde o início.

Danilo olhou para Fernando, que baixou a cabeça e ficou pensativo. Em seguida, balançou a cabeça negativamente e sorriu.

– Este passado sempre irá nos perseguir, Félix. Sempre. Por mais que o escondamos, que façamos de conta que ele nunca existiu, ele irá nos perseguir.

Com os olhos apontou para os dois estrangeiros, porque eles representavam o passado que os perseguia.

– Estou curioso com algo. Antes que digamos qualquer coisa, me diga por quê? Por que veio da Alemanha desenterrar um passado que há muito está sepultado? Não existe nenhum registro nosso na FAB, não existe nenhum registro na RAF, não existe nada sobre o que fizemos. Todos os documentos sobre nossas ações na Inglaterra foram destruídos. No Brasil, ninguém sabe de nosso passado, nós nem sequer estudamos no Colégio dos Afonsos. Que motivos pessoais vocês tem para nos procurar?

– É verdade, nós também não fizemos parte da FAB na Itália. – completou Danilo.

– Ah sim, a FAB. Também pesquisei sobre eles. O 1º Grupo de Aviação de caça, que utilizou aviões P-47 sob o comando do 350º Fighter Group, da Força Aérea Americana. Também pesquisei sobre eles na esperança de encontrar alguma informação que pudesse me levar até vocês e realmente não encontrei nada. Mas vou lhes contar o verdadeiro motivo de minha procura por vocês.

Olhou para os dois homens a sua frente, demonstrando grande respeito e começou a falar.

– No dia 23 de setembro de 1944, todo o 25º decolou para interceptar um ataque de Bombardeiros Lancaster, protegidos por três esquadrilhas de Spitfires. Nesse dia, um piloto da RAF duelou comigo nos céus da França e atingiu o meu avião, causando uma pane. Quando eu tinha perdido completamente a capacidade de manobras do meu ME 109, este piloto, que poderia ter me abatido, poupou a minha vida. Ele passou do meu lado direito, balançou as asas e partiu.

Um pesado silêncio se abateu sobre todos.

– Ele poderia ter acabado comigo, mas não o fez e confesso que aquela não era uma prática comum naqueles dias. Lembro-me como se fosse hoje. Olhei para o piloto do avião. Ele bateu continência para mim e girou para a direita. Foi nesse momento que percebi uma listra verde e amarela pintada bem abaixo do círculo da RAF. Eram cores nunca encontradas em um avião aliado.

Fernando olhou pasmo para o amigo. Ambos também conheciam aquela história.

– Muito bem, senhores. Eu tenho a certeza absoluta de que vocês sabem quem era este piloto. – falou Gunter.

– Está querendo me dizer que você teve todo esse trabalho para obter essa informação? – perguntou Danilo.

Ele não respondeu àquela pergunta, apenas limitou-se a continuar a sua narração.

– Depois da guerra eu fiquei no lado Ocidental de Berlim. Os militares foram colocados em campos de prisioneiros, guarnecidos pelos aliados. Quando fui posto em liberdade, já haviam se passado dois anos que a guerra tinha acabado. Muitos preferiram sair do país, mas eu quis ficar. Queria ajudar a reerguer minha pátria. Trabalhei com o que sempre soube fazer, pilotar aviões. E acabei, depois de algum tempo, trabalhando como consultor técnico e obtive sucesso profissional como consultor internacional de aviação. Mas uma dúvida sempre me perseguia.

– Que dúvida? – perguntou Fernando.

Ele o encarou com seus olhos azuis, que pareciam soltar faíscas, tamanha a emoção de lembrar aqueles momentos. Inclinou-se para frente e disse calmamente.

– Quem era aquele piloto que não quis me derrubar naquele dia?

Houve uma pausa na narrativa, como se ele quisesse ganhar fôlego. Então, inclinou-se novamente para trás e voltou a falar.

– Como na época eu viajava muito, comecei a fazer algumas pesquisas por conta própria para descobrir a sua identidade, mas não tinha a mínima ideia de quem pudesse ter sido aquele piloto ou se ainda estaria vivo.

– E como nos encontrou? – disse Danilo.

– Assim como eu, diversos pilotos alemães e britânicos fizeram pesquisas sobre seus oponentes. Eventos passaram a ser organizados regularmente. Nos encontrávamos e costumávamos conversar sobre os aviões, dos combates, das tristezas e das alegrias daqueles tempos. Fiz amizade com alguns pilotos ingleses, passamos a trocar correspondências, e foi num desses encontros que um piloto deixou escapar uma pista.

– Quem?

– O coronel Jonh Miller. Ele me deu seu nome e a sua unidade, pois tinha servido junto com este piloto na base aérea de Osley. Eu fiz uma pesquisa na unidade e finalmente encontrei o piloto que procurava por tanto tempo.

– Qual era seu nome? – perguntou Fernando.

– Segundo Tenente Frank Adams.

Nesse exato momento, um aroma de café entrou pela sala. Cláudia surgiu com uma bandeja, sobre a qual tinha um bule, cinco xícaras, colheres, e um pote de açúcar.

Gunter Weber estava visivelmente emocionado. Segurou a xícara, que tremia em suas mãos e tomou um gole.

– Muito bom o seu café.

– Obrigado, senhor Gunter. Mas agora gostaria que o senhor continuasse a sua história.

Cláudia estava muito interessada pois queria saber onde seu avô se encaixava naquilo tudo.

– Estive na Inglaterra procurando por Frank Adams. Não sabia se ele ainda estava vivo e foi então que descobri algo inacreditável.

– Eu sei o que você descobriu. — disse Fernando — Você descobriu que o segundo Tenente Frank Adams tinha morrido na Batalha da Inglaterra, em agosto de 1940.

– Exatamente! — disse Gunter. — Vejo que o senhor ainda se lembra.

– Sim, eu ainda me lembro.

Gunter voltou-se para Cláudia.

– Eu tinha descoberto um segredo de Guerra, uma história incrível! Então, como todo bom alemão...

– Não entendi, senhor Gunter.

– Minha cara, a teimosia alemã é uma característica de sua alma. Eu passei então a me dedicar durante todos esses anos a procurá-los. Era impossível que um piloto morto em 1940 pudesse estar pilotando um Spitfire em 1944 e foi aí que começaram a aparecer as primeiras pistas não apenas sobre um, mas sobre uma unidade fantasma. Havia rumores, histórias, e muitas pistas, mas nada que elucidar essa incrível história. Quanto mais eu pesquisava mais eu recebia respostas negativas. Procurei registros na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos. E sabem o que descobri? Nada. Estava quase desistindo quando descobri que não era apenas um piloto, e sim quatro, isso mesmo, quatro pilotos que tinham morrido em combate no ano de 1940 e, de alguma forma haviam ressuscitado e continuado a combater até o final da guerra, quando então, desapareceram sem deixar o menor vestígio.

– Quatro? — disse Cláudia curiosa.

— Realmente. — disse Rudolf — E o mais intrigante é que os registros das missões estão lá. Muitas delas foram cruciais, outras até mesmo inacreditáveis, como o pouso em pleno território ocupado para resgatar pilotos abatidos.

Danilo olhou para Fernando e sorriu maliciosamente.

— Aprendemos com os pilotos tchecos.

— Mas que história incrível!

— Sim, minha jovem, e foi com o mesmo pensamento que comecei a considerar outra hipótese.

— Qual?

— Uma possibilidade de que não houve uma falha nos registros, e que aqueles quatro pilotos eram na realidade militares que por algum motivo tiveram suas identidade alteradas para os oficiais britânicos mortos quatro anos antes.

— Como assim? Não entendi?

— Depois das pesquisas eu fiz, comecei a considerar que os aliados estavam deliberadamente ocultando a verdadeira identidade dos quatro pilotos. Então eu procurei novamente o coronel Miller e depois de muita insistência, ele me relatou a verdade. E foram seus relatos que me levaram até Londres, onde eu finalmente consegui descobrir, patrocinado por uma verba do curso de História da Universidade de Frankfurt, alguns fragmentos sobre quem eram aqueles pilotos. Esses fatos acabaram me trazendo ao Brasil, mais precisamente a Brasília, a sua capital. Lá pude constatar que obtivera sucesso em minha busca de encontrá-los, porque os registros brasileiros não haviam sido destruídos como os senhores mesmo imaginam.

Os dois brasileiros se olharam e concluíram ao mesmo tempo em que não havia mais como negar.

— Tenho somente uma pergunta, senhor Gunter. — disse Fernando

— Realmente o senhor mostrou que tem conhecimento de vários fatos, mas não nos mostrou nenhum documento que comprova sua identidade. Como podemos ter certeza de que é realmente quem diz ser?

Ele sorriu. Um leve sorriso que parecia esperar por aquela pergunta.

— Já esperava por isso, — e virando-se para Rudolf disse apenas. — Por favor.

O jovem, sem dizer uma única palavra, levantou-se e caminhou para a saída, indo na direção do táxi. Voltou instantes depois, carregando consigo uma valise parda.

Colocou sobre a mesa e sentou-se.

Gunter, abriu a mala e retirou uma série de documentos, algumas pastas e um estojo de madeira. Na parte de cima havia uma insígnia da cruz germânica entalhada.

Entregou uma das pastas para Fernando. Ele a abriu calmamente e retirou, sob o olhar atento de Danilo, diversas fotos em preto e branco e umas poucas coloridas. Também retirou alguns documentos e um pequeno caderno, bastante surrado e na capa, havia algumas inscrições em alemão.

Os documentos foram inicialmente deixados de lado e os dois brasileiros se puseram a observar as fotografias.

A primeira delas mostrava oito oficiais. Todos estavam vestidos impecavelmente. A foto, apesar de ser em preto e branco, parecia ter sido tirada em um dia ensolarado a julgar pela sombra projetada pelas árvores dispostas atrás dos militares.

Gunter Weber olhou a foto por alguns instantes e finalmente começou a falar.

— Esta foto foi tirada no dia 03 de agosto de 1943. O local é a Wolfsschanze. Sabe onde era isso, não sabe senhor Félix?

— Sim, eu sei. Era a Toca do Lobo, o Quartel-general de Hitler, na Prússia Oriental.

— Muito bem, e o senhor conhece algum desses homens?

— Somente este aqui, — disse apontando para o segundo oficial da esquerda para a direita -, que é o senhor.

— Muito bem. Mas se me permitirem, gostaria que os senhores soubessem quem são os outros homens. O primeiro se chama Werner Schröer, que obteve 114 vitórias, o segundo, como o senhor mesmo já mencionou, sou eu.

— Quantas vitórias você obteve? — perguntou Danilo.

— Cento e cinquenta e duas.

— Um número surpreendente.

— Não se surpreenda, senhor Félix. Por favor deixe-me apresentar os homens que estão nestas fotos. Este — disse apontando para o terceiro piloto — é Heinrich Ehrler, com 208 vitórias. — e foi movendo os dedos para cada militar — este é Prinz zur Lipp-Weissenfeld, com 51

vitórias, o próximo é Helmut Lent, com 113 vitórias, este, Manfred Meurer com 65 vitórias, este, Joachin Kirschner, com 188 vitórias e o último Theodor Weissenberger, com 208 vitórias.

Os dois brasileiros ficaram muito impressionados com aquela fotografia. E realmente havia motivo para ficar dessa forma, pois aqueles oito homens, que na época não deveriam possuir mais de vinte e cinco anos, haviam abatido 1099 aviões inimigos e isso era sem dúvida alguma, um feito impressionante.

Fernando colocou a foto de lado e pegou outra. Esta, em preto e branco, mostrava cinco pilotos que pareciam ter acabado de retornar de uma missão, estavam reunidos em torno de um Me-109.

— Este era o meu Me-109, um excelente avião. Este sou eu e os outros são pilotos que pertenciam ao meu esquadrão. — explicou Gunter.

Uma outra foto e desta vez aparecia somente um piloto. Ele estava próximo ao motor do mesmo modelo de avião. Usava botas de aviação e traje de piloto. As calças eram largas e confortáveis, possuíam grandes bolsos nas laterais para mapas, vestia uma jaqueta curta de voo, o colete salva vidas acinzentado e usava um quepe.

Fernando examinou, juntamente com Danilo, outra foto que mostrava vários Me-109 em fila. Na parte de trás, podia-se ver dois Junkers 88S decolando. Outra foto mostrou um mecânico da Luftwaffe vestido com seu característico macacão preto, fazendo manutenção em um Me-262. Eram várias fotos, mostrando aviões, pilotos, pistas enlameadas, mecânicos trabalhando em aviões e uma foto na qual eles se detiveram. Era a foto de um enterro. Um caixão estava sendo sepultado com a bandeira da Inglaterra. Ao lado, cerca de dez pilotos em posição de sentido.

Eles olharam para o velho piloto alemão.

— Nosso esquadrão respeitava nossos adversários mortos durante um combate e era assim que enterrávamos os nossos inimigos.

Após observarem todas as fotos, passaram a analisar as cadernetas, bastante surradas. Uma era pouco maior que a outra, mas as duas tinham na capa uma águia carregando uma suástica. O nome Gunter Weber estava escrito, assim como diversas outras informações, como seu regimento, número de registro e seu peso.

— Esse documento que o senhor tem nas mãos, senhor Dávalos, era conhecido pelos pilotos como *Flugbuth*.

Vendo que ele não entendera o que queria dizer aquela palavra, tratou de explicar.

— Era a nossa caderneta de voo, onde estão registrados dados de cada missão executada. Eu era um piloto que a utilizava com muita frequência. Já a que o senhor Fernando manuseia é a *Leistungsbuch*. Nesta eu costumava colocar os dados relevantes que aconteceram durante a minha carreira.

Todos os dois documentos estavam preenchidos quase na sua totalidade, o que demonstrava que o piloto tinha realizado um grande número de missões e as havia documentado muito bem.

Ele colocou o estojo na frente dos dois homens.

Danilo destravou o delicado trinque e abriu o estojo. Era revestido por um fino tecido vermelho. Dentro do mesmo, estavam presas diversas condecorações. No estojo continha a Cruz de ferro de 2º classe, a Cruz de ferro de 1º Classe, a Cruz alemã em Ouro e a famosa Cruz de Cavaleiro com Folhas de Carvalho, espadas e Diamantes.

Não havia a menor dúvida sobre a identidade daquele homem.

Cláudia estava boquiaberta ao ver aquelas fotografias. Já tinha visto vários filmes sobre a segunda guerra, mas jamais poderia imaginar que um dia iria ver fotografias autênticas.

Apesar da grande quantidade de condecorações que eles tinham acabado de ver e do conteúdo das fotografias, Félix e Dávalos não pareciam demonstrar grande surpresa. E isso não trouxe surpresa para Gunter, muito pelo contrário, essa era uma reação que ele já esperava daqueles homens.

Fernando levantou-se.

— Por favor, aguardem um instante.

Retirou-se da sala e após alguns minutos voltou carregando uma espécie de baú. Era todo de madeira, escuro e com alguns arranhões nas laterais. Na parte da frente, podia-se observar uma fechadura bastante antiga.

Ao ver o baú de cor escura de seu avô sobre a mesa, Cláudia concluiu que mais uma peça iria se encaixar no quebra-cabeças que estava sendo montado. Ela se lembrava dele desde a sua infância e jamais o havia visto aberto. Seu avô trazia a sua chave sempre consigo. Ela recordou das vezes que sua avó tinha pedido para ver o que havia dentro, mas ele sempre negava. Ela não tinha certeza, mas era bem provável que nem mesmo ela chegara a ver o que havia dentro.

Fernando colocou a mão no bolso da calça e retirou uma antiga chave que ele sempre levava consigo, e sabia que ao abrir a caixa, estaria revelando um grande segredo. As mãos tremiam ao colocar a chave na fechadura. A emoção de abrir aquela caixa era imensa. Houve um click seco ao destravar a fechadura, muito semelhante a um click de revólver, e antes que chegasse a abrir o baú, Danilo colocou a mão sobre a tampa e olhou para o amigo.

— Tem certeza que quer fazer isso?

— Acho que todos nós esperamos por este dia, meu amigo. — e olhou com tristeza para sua neta — Está na hora de que mais pessoas saibam o que aconteceu.

A chegada dos estrangeiros tinha servido para acordá-lo do pesadelo que tinha sido sua vida até aquele momento, porque ele sempre fora um homem atormentado por um segredo do seu passado. Era preciso resolver de uma vez aquela história e Cláudia, sua neta e a continuação de sua existência, precisava tomar conhecimento do que havia acontecido.

— Ela precisa saber. — disse simplesmente.

Danilo retirou a mão, e Fernando levantou a tampa. A primeira coisa que retirou foi uma jaqueta de couro marrom bastante surrada. Nela estavam bordadas a Insígnia da RAF e um pouco abaixo, duas listras, de cor verde e amarela. Rudolf sorriu ao ver as duas listras, eram as mesmas pintadas no avião do piloto que havia poupado sua vida. Depois retirou dois pequenos estojos de madeira e um quepe, também da RAF. Sua face e suas mãos trêmulas expressavam a emoção ao manusear tais objetos. Um brilho surgiu em seus olhos, um brilho que há muito tempo julgou não possuir mais. Colocou as mãos dentro da caixa e retirou com mãos trêmulas, um envelope amarelado pelo tempo e o abriu com dificuldade. Estava repleto de fotos, todas em preto e branco e mostrava cenas muito semelhantes às que Gunter Weber tinha mostrado. Ele as entregou para ele, que as examinou com respeito e cuidado. Era como se eles estivessem sendo transportados para um passado muito distante, que dizia respeito somente a eles. Cada objeto ou documento retirado da caixa era minuciosamente examinado, e nenhum deles era de todo estranho para eles. Gunter Weber não olhava as fotos apenas por curiosidade. Assim como os brasileiros olharam suas fotos com muito respeito, ele também era atencioso em cada uma delas.

— Faz tanto tempo, mas parece que foi ontem. — afirmou Fernando.

— Spitfires, versão MK IX! Excelentes aviões. — disse Dávalos. — Ainda ouço o seu rugido engasgado.

— Sim, senhor Dávalos. Excelentes aviões. — concordou Gunter. — Admiráveis adversários.

O piloto alemão deteve-se numa foto de um caça completamente incendiado.

— Esse era o meu avião. — disse Fernando. — Foi nesse dia que eu ganhei essa cicatriz no rosto. Esta foto foi tirada logo nos primeiros dias após a invasão da Normandia.

Cláudia, mais abismada que nunca, pegou uma foto para conhecer pela primeira vez o verdadeiro passado de seu avô. Ela estava meio amarelada pelo tempo, mas ainda era perfeitamente nítida. Ela mostrava quatro jovens em pé, abraçados, e ao fundo quatro aviões Spitfire. Reconheceu dois dos jovens pilotos, um era seu avô, o outro era seu tio Danilo e os outros dois ela não tinha a menor ideia de quem poderiam ser. Todos vestiam trajes de voo e pareciam fotografias tiradas de um filme de Hollywood sobre a Segunda Guerra Mundial. Aliás, toda aquela história realmente parecia um filme. Pegou outra foto, e desta vez, seu avô aparecia usando um impecável traje de oficial da RAF e a sua frente um oficial aliado colocava uma medalha em seu peito.

Havia várias fotos tiradas de aviões, que retratavam decolagens, formações de vários tipos, aviões em chamas, abatidos, junto a suas tripulações, em manutenção e até mesmo cobertos de neve.

O acervo era fantástico, um verdadeiro tesouro.

Fernando olhou para o homem que já fora seu adversário nos céus da Europa durante o maior conflito mundial e confessou:

— Você não foi o único a pesquisar sobre os pilotos da Segunda Guerra. Eu li um pouco sobre nossos adversários e sei que você nasceu nos arredores de Wissach, no estado de Württemberg, no dia 19 de abril de 1922. Seu pai era um pequeno fazendeiro que plantava batatas e este seria o seu destino, se não fosse a sua paixão por aviões. Tudo começou quando um Junker JU 87, um Stuka, pousou em sua fazenda. Você ficou maravilhado assim que viu o piloto e o avião e prometeu para si mesmo que um dia seria como aquele homem. Seu pai se mostrou contrário assim que soube. Tentou ajudar seu pai como fazendeiro, seguir os seus

passos, mas jamais esqueceu seu sonho. Assim como nós, fora contagiado pelo vírus da aviação e foi seu tio que o ajudou a atingir o seu sonho. Através de sua insistência conseguiu juntar-se à Luftwaffe como oficial-cadete em outubro de 1936. Passou por um intenso treinamento de dois anos frequentando a Luftkriegsschule II – Escola de Combate Aéreo. Depois, a Jagdflieger-Vorschule II – Escola Preparatória de Pilotos de Caça -, até o início de 1939, e finalmente a Jagdfliegerschule II – Academia de Pilotos de Caça, até meados do mesmo ano. No final, após passar pela Ergänzungsgruppe Ost como tenente, foi enviado para a sua unidade, o 7./JG52 (7º staffel da Jagdgeschwader 52). Em todos os lugares por onde passou, sua habilidade com aviões impressionava a todos.

Os dois alemães se entreolharam surpresos.

– Você sabe tudo a meu respeito de meu avô? – perguntou o jovem alemão bastante impressionado.

– Eu também me interessei pelos pilotos alemães. Eu fiz pesquisa sobre os melhores e li alguns livros sobre você, Galland, Hartmann e Weissenberger. Na realidade, eu queria conhecer os homens contra quem combati, mas do Senhor Gunter, lembro apenas o que acabei de dizer.

– Meus parabéns, – interveio o piloto alemão. – Estou impressionado. Acertou em quase tudo o que disse, com exceção sobre o que meu pai pensara sobre a carreira de piloto. Ele não se mostrou contrário ao meu sonho como está escrito nos livros que pesquisou. Meu pai era um homem realista e naquela época, ele sabia que para camponeses como nós, era muito difícil atingir tal objetivo, mas ele me conhecia melhor do que ninguém e sabia da minha teimosia e persistência. Além domais, naquela época, a carreira militar era uma das formas de trazer segurança para nossos familiares, mas isso é uma outra história. – e fez uma pausa. – Eu posso tomar mais um pouco de café?

– Claro. – respondeu Cláudia pegando a garrafa e colocando mais um pouco em seu copo – Mas, vovô, eu não consigo entender por que o senhor escondeu de nós o seu passado durante todo esse tempo. Por que nunca comentou nada conosco? Por que nunca se abriu comigo?

– Porque eu temia pela sua segurança. Toda esta história é sigilosa e confidencial, um segredo de guerra, para colocar de uma forma melhor. Quando a guerra terminou, todo o nosso passado foi alterado

para que nenhuma informação sobre esta história ficasse conhecida. Os nossos familiares que tinham conhecimento sobre ela também foram proibidos de contar o que havia se passado conosco.

– É uma longa história, minha cara – disse Danilo – Mas pode ter certeza que fizemos isso para o seu bem.

– Então, senhor Gunter, o senhor veio até nós para saber a nossa história.

– Sim Fernando. – afirmou categoricamente.

– Como Danilo já disse, é uma longa história.

Ele sorriu.

– Na minha idade eu não tenho mais muita preocupação com relógio ou horários.

Ele sorriu.

– Nós também não temos mais. – concordou.

A princípio Fernando, tinha achado o alemão arrogante, mas agora começava a simpatizar com aquele homem que tinha vindo de tão longe para encontrá-los. De certa forma, ele e Danilo sempre desejaram compartilhar sua história com outras pessoas, mas, em virtude das circunstâncias, era algo que tinham prometido jamais realizar.

Uma promessa que estava sendo quebrada agora.

Olhou para o amigo.

– Conheço essa sua cara, Fernando, já vi que a minha pescaria vai ter que esperar.

– Eu gostaria que você estivesse junto para lembrar toda essa história.

– Eu não iria perder isso por nada deste mundo.

– Muito bem, senhor Gunter Weber.

– Pode me chamar apenas de Weber.

– Está bem, Weber, e retire o senhor quando se dirigir a nós. Pode chamar-nos de Fernando e Danilo.

– Antes que o senhor inicie a narrativa dos fatos, eu gostaria de interrompê-los quando achar oportuno. Com isso, pretendo contar a minha parte da história, já que a vivenciamos juntos, mas em lados opostos. Tudo isso porque, como já disse anteriormente, eu tenho certeza que no final, os senhores entenderão o verdadeiro motivo da minha presença.

Aquela última frase despertou ainda mais a curiosidade de Fernando e Danilo.

— Muito bem. — disse Fernando. — A história que você vai ouvir agora, e isto você mesmo já sabe, não pode ser encontrada em nenhum livro ou documento oficial de qualquer força aérea. Não existe nenhum registro da presença de quatro pilotos brasileiros que lutaram na RAF contra os alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma história que foi ocultada pelo alto comando aliado no final da Guerra.

Os olhos de Fernando voltaram a fixar o vazio. Seu olhar pareceu se perder como se estivesse voltando no tempo.

— Mas ela é real.

Fez uma breve pausa, pois estava tomado de forte emoção ao relembrar aqueles dias.

— Sim. Posso afirmar aos senhores que ela é verdadeira.

E Agora?

Se você chegou até aqui, é porque gostou desta história, que levou 5 anos para ser concluída, baseada nas biografias de vários pilotos, como Pierre Clostermann, Adolf Galand, Erich Hartmann e muita pesquisa sobre os combates aéreos na Segunda Guerra Mundial. E claro, muita pesquisa e dedicação.

Para ter essa cativante aventura completa em seu Kindle ou em sua estante, você poderá escolher os sites abaixo:

Amazon - Versão digital e impressa - <https://amzn.to/35yj01M>

Americanas - Versão impressa

Submarino - Versão impressa

Shoptime - Versão impressa

Magazine Luiza - Versão impressa

Se preferir um livro autografado, entre em contato direto pelo meu perfil do Instagram, **escritor_alex_bitten**

Eu terei o maior prazer em enviá-lo autografado.

Alex Bitten

www.alexbitten.com.br

